

Nota do organizador: Depoimento de Germano Coelho, publicado no *Memorial do MCP*. Recife: Fundação de Cultura Cidade do Recife, 1986, p. 9 -12.

PELO RESGATE DA MEMÓRIA DO MCP

Germano Coelho

Recife, maio de 1986

Enquanto ideólogo do MCP, como diziam então os jornais do Recife, fui chamado ao Comando do IV Exército, em 1962, para debater, durante quatro horas consecutivas, o **Livro de Leitura para Adultos**, do Movimento de Cultura Popular. E vi indignado, como fundador e primeiro presidente do MCP, em março de 1964, no Arraial do Bom Jesus - como chamávamos a sede do Sítio da Trindade - dois tanques de guerra, agressivamente estacionados sobre o gramado.

Que era então o MCP para se constituir, assim, em alvo da repressão? Que perigo trazia para a sociedade a cultura popular?

Os documentos do tempo, mais do que os depoimentos posteriores, revelam a força e o espírito verdadeiro da instituição. Um deles, o Hino do Movimento de Cultura Popular, nascido numa hora difícil, de longas conversas com o poeta do **Princípio áspero de uma canção sem terra - Canto Agrário**, publicado, também, em 1962.

"Onde homens houver que não saibam
o que a todos se deve ensinar,
um punhado de luz levaremos
porque a Pátria nos manda levar.
Luta vã não será nossa luta,
oh! humildes obreiros da paz,
pois se infância de luz não tivestes,
mesmo tarde uma infância se faz.

Coro Desde os cerros longínquos ao mangue,
vêde um povo aprendendo, de pé,
uma língua de heróis, esta língua
com seus cantos de luta e de fé.

Este canto é de quantos desejam
uma Pátria, celeiro de luz,
uma Terra sem campos de fome,
mas de fortes à sombra da cruz.
É um grito de fel aos que dormem,
esquecidos de um povo que sua
ao encontro de pão, que não acha,
e a procura de um lar pelas ruas."

O Hino, musicalizado a meu pedido por Nelson Ferreira, foi um instrumento de luta contra a tentativa de extinção desse experimento novo de Universidade Popular, proposta através de Projeto de Lei, na Câmara Municipal do Recife. Ecos dessa refrega aparecem, no folheto de cordel, de João José da Silva, intitulado **Movimento de Cultura popular – a voz do alfabetismo**, e na última estrofe dos versos de Audálio Alves:

"Mas, se um dia, as falanges do mal
contra nós suas armas mover,
por maior que se faça em perfídia não
nos pode um covarde vencer,
Somos raios na luta e na paz,
- homens de aço de luzes na mão –
ao marchar a cultura levamos, popular e
sublime à Nação"

Outro documento da época, de minha autoria, como Presidente do MCP, editado em São Paulo, pela Massao Ohno, no Álbum **Meninos do Recife**, de Abelardo da Hora, deve ser transcrito, na íntegra, mesmo porque excluído da coleção, nos exemplares que circularam depois do golpe de 1964. Esse texto, que se seguia ao testemunho do Prefeito Miguel Arraes sobre os meninos do Recife, "sempre com a marca da pobreza e do abandono", explicava ao público nacional, a amplitude e o significado da instituição.

"O Movimento de Cultura Popular nasceu no Recife. Na cidade proletária. Nos mocambos dos morros, mangues e alagados. No Recife da Insurreição Pernambucana. Do nativismo. Da abolição. Das revoluções libertárias".

Foi criado para a emancipação do povo, através da educação e da cultura. Como órgão de caráter técnico. Rigorosamente apolítico. Unindo intelectuais, estudantes e populares. Órgão amplo, pluralista, segundo o modelo da UNESCO, porquanto não discrimina filosofia, credo ou convicção ideológica.

Do Nordeste, das terras históricas do Arraial do Bom Jesus - em cuja elevação se situa a sua sede - guarda o MCP o espírito de luta.

De autodeterminação. De fidelidade às tradições culturais do país. De responsabilidade quanto à sua independência definitiva.

Ideais que o MCP procura atingir educando não só a criança. Mas o adolescente. E também o adulto. Educando, através de escolas comuns. De processos informais, nas praças públicas e em plena rua. Educando pelo rádio. Pelo cinema. Pela televisão. Pela imprensa. Explorando novos métodos e técnicas de educação. Experimentando. Adaptando. Criando.

Para deflagrar, na comunidade, a paixão do saber, o MCP tudo mobiliza. O diversificado e denso folclore do Nordeste. As artes plásticas e o artesanato. O teatro. A música, o canto e a dança. A literatura. A ciência. A pesquisa. Os esportes. Atividades em conta, que se institucionalizam em escolas, bibliotecas, conjuntos teatrais, centros de cultura, círculos de leitura, museus, galerias de arte, centros artesanais, praças de cultura, cine-clubes, discotecas, tele-clubes, festas populares, semanas de estudos e festivais.

Nesse espírito, inicia o MCP o seu plano editorial. Inaugura a Coleção de Cultura Popular. Aberta a todos os problemas da educação, da ciência e da cultura. À contribuição brasileira. Às experiências internacionais.

Inicia com o trabalho de Abelardo da Hora, diretor da Divisão de Artes Plásticas e Artesanatos do MCP e membro do Conselho de Direção. **Meninos do Recife** constitui um protesto do Movimento de Cultura Popular contra a miséria, a doença, o desemprego e a fome".

Estava implícita, no discurso e na prática do MCP, uma nova proposta de educação. Marcada, sobretudo, pela amplitude. Mas, também, pela sua finalidade expressa. Víamos o processo educativo como o de desenvolvimento do homem todo e de todos os homens para a realização da pessoa e a promoção do bem comum.

Daí, uma série de conseqüências. A opção pela estrutura de um "movimento", que pressupõe ritmo e exprime a dinâmica de uma ação em marcha. A união fecunda, num mesmo organismo, de povo, juventude, intelectuais e artistas. A idéia de aprender com o povo, tão concreta na pesquisa dos temas e do vocabulário de alfabetização; na aprendizagem da música e das danças populares; na escolha da temática para as artes plásticas, a poesia, a literatura, o cinema, o teatro, a televisão. A concepção da educação, da cultura e da pesquisa, como momentos de um mesmo processo, cujos agentes são os homens. Todos os homens, e não apenas supostas elites. A visão de que o educador é o agente de mudança, que identifica situações, distorsões e contradições, para conscientizar, despertar, motivar e fortalecer o desejo de mudar. A convicção de que é o educando, que se educa a si mesmo, simultaneamente como sujeito e objeto do processo educativo.

Foi com esse pioneirismo, que o MCP marcou a história da educação brasileira. E pôs em prática a tese de Anísio Teixeira: educação não é privilégio. E revelou, com a contribuição inestimável de Paulo Freire, a pedagogia do oprimido, a educação como prática da liberdade, a ação cultural libertadora.

Agora, o Recife é povo de novo. E se propõe a documentar um dos projetos prioritários da administração popular de Miguel Arraes. E ao Prefeito Jarbas Vasconcelos coube deflagrar o processo de resgate da memória do MCP. Da memória, também, do Recife. Que gerou o Movimento. Que sustentou sua luta. Que sonhou o seu sonho. Do Recife, rebento de Olinda, que nos versos de Tobias Barreto:

"É a cidade valente
Brio da altiva nação
Soberba, ilustre, candente,
Como uma imensa explosão."